



Santo Agostinho: Fé, Esperança e Caridade Saint Augustine: Faith, Hope and Charity

Emerson DETONI¹

Resumo: Diante da revelação de Deus, que propõe o seu projeto de salvação, o ser humano é convidado a responder através da fé, da esperança e da caridade. Credo, esperando e amando o homem coloca-se na dinâmica de uma existência voltada para Deus. Mais do que um conjunto de conteúdos, é um caminho de vida, uma disposição, uma capacidade e disponibilidade de cumprir todos os dias um “atos de fé”, de colocar-se nas mãos de Deus com plena confiança, esperando Dele a plenitude dos bens e a vida eterna. Santo Agostinho aprofundou a interioridade da decisão da fé, a sua ligação com a esperança e a caridade, tudo com uma forte referência a Cristo.

Abstract: Before the God’s revelation, that proposes his salvation project, the human being is invited to answer through faith, hope and charity. Believing, waiting and loving the man place himself into the dynamic of the existence towards to God. More than a set of contents, it is a life path, a disposition, a capability and availability of complying every day “acts of faith”, to place oneself in the God’s Hands with full confidence, hoping from Him the fullness of property and the eternal life. Saint Augustine has deepened the interiority of the faith decision, his connection with the hope and the charity. Everything with a strong suffering towards Christ.

Palavras-chave: Deus – Santo Agostinho – Virtude – Fé.

Keywords: God – Saint Augustine – Virtue – Faith.

Por volta de 421² Agostinho escreveu o *Enchiridion de fide, spe et caritate* (*Manual sobre a fé, a esperança e a caridade*) ao seu amigo Lourenço, e apresentou algumas inquietações práticas: quais as verdades que o cristão deve crer e as heresias que precisa evitar? Em que medida a razão pode intervir a favor da religião? O que foge ao seu alcance? O que deve ocupar o primeiro e o que deve ocupar o último lugar no ensinamento e na vida cristã? Qual o fundamento seguro e autêntico da fé católica (*Ench.1.4*)?

¹ Professor de *Filosofia da Natureza e Iniciação à Teologia* no Instituto Sapientia de Filosofia. E-mail: emersondetoni@gmail.com.

² Cf. L. ALICE, Introduzione al manuale sulla fede, speranza e carità. in NBA VI/2, p. 451-452.

Agostinho busca ser fiel às questões levantadas, mas as ultrapassa. Sua exposição é rica em idéias, aborda os principais dogmas do cristianismo, mesclando-o a questões morais. Este pequeno *Manual* será a obra norteadora deste texto.

Do texto, é possível extrair algumas noções básicas do pensamento agostiniano que são importantes numa consideração teológica sobre a virtude da fé, da qual nasce a boa esperança, acompanhada da santa caridade (*Ench.* 30.114). Sendo assim, após uma breve definição de virtude; voltaremos nossa atenção para a *fé* e depois abordaremos rapidamente as virtudes da *esperança* e da *caridade*; concluindo com uma abordagem sobre a interdependência das três.

I. Virtude

Ao lermos o *Enchiridion*, o percebemos menos como uma proposta de caráter intelectualista e mais como uma obra de aspecto histórico e prático, assim como práticas eram as inquietações de Lourenço. Embora não falte uma profunda reflexão teológica e espiritual, permanece no Bispo de Hipona uma preocupação de ordem formativa e pastoral, que permitiu colocar juntas as três virtudes em um equilíbrio dinâmico, realizando no tratado dessas como que um *compêndio da vida cristã*.

Não encontramos no *Enchiridion* uma *definição* clara do termo virtude, aliás, é uma palavra pouca citada. Mas percebemos claramente no decorrer da obra que é a essência da vida cristã. A virtude é a ordem do amor, diz respeito à vivência concreta, é o meio através do qual a ordem moral se estabelece nas ações humanas. Ordem que pode realizar-se mediante o uso disciplinado da razão (*Ench.* 1.4).

A virtude não é meta em si mesma, é caminho para a verdadeira felicidade humana que é a visão de Deus (*Ench.* 1.5). Caminho virtuoso que a razão sozinha não consegue percorrer, mas que iluminada pela Sabedoria divina, assume o compromisso de sustentar o cristão nesta vivência (*Ench.* 1, 4).

Está de acordo com o pensamento agostiniano a distinção entre as *virtudes naturais* e as assim chamadas *virtudes infusas ou teológicas*. As primeiras são derivadas da experiência e da razão, se referem a um bem finito, às quais o homem pode chegar pelos princípios de sua natureza. As segundas referem-se à felicidade ou a bem-aventurança que excede a natureza do homem, as quais ele pode chegar somente pela graça divina (*Ench.* 1.4). Chamamos de teológicas as virtudes da fé, esperança e caridade porque tem origem no próprio Deus

que as infunde (dom absoluto), possuem Deus como objeto e fim, e se referem à sua veneração. Por elas somos ordenados a Ele (*Ench.* 1.3).

II. Virtude da Fé

Deus amavelmente vem ao encontro do ser humano para salvá-lo e doa a fé para que ele possa aceitar a verdade salvadora. Agostinho salienta o aspecto gratuito da fé, que é dom, é graça, é fruto da bondade de Deus que não abandonou o gênero humano na perdição do pecado, mas que na sua misericórdia propõe a salvação (*Ench.* 8.27).

Uma definição de fé nos escritos agostinianos não é tão fácil.³ Mais do que uma completa e exaustiva definição, propomos algumas citações contidas na obra que nos ajudam a compreender essa virtude. A princípio pode parecer um tanto complexa e desarticulada, mas posteriormente virá explicitada nas abordagens sucessivas.

Nos escritos de Agostinho o substantivo fé e o verbo crer são utilizados como termos equivalentes. *A fé é uma virtude sobrenatural* (*Ench.* 1.6), *um dom* (*Ench.* 9.31) *através da qual o ser humano, sob a autoridade divina, aceita livremente* (*Ench.* 9.32) *a verdade salvadora revelada por Deus em Jesus Cristo* (*Ench.* 1.5). *Verdade que vem testemunhada pela Sagrada Escritura e pela Igreja* (*Ench.* 15.56). *Crer é assentir à verdade da revelação acolhendo o mistério de Deus* (*Ench.* 7, 20).

Desta pequena definição, muitos elementos nos são apresentados. A fé é dom, mas também ato voluntário que implica empenho na aceitação dos conteúdos revelados que exprimem a intervenção histórico-salvífica de Deus. Aliás, o aspecto conteudístico é muito presente na visão agostiniana. Quando falamos em conteúdos, dizemos que a fé é *uma forma de conhecimento* (*Ench.* 1.1), porém diversa, específica. Um conhecimento das coisas que não se vêem (Heb 11,1). Uma participação na Sabedoria divina através da *iluminação* (*Ench.* 1.1). O que também não significa desprezo da razão, uma vez que esta é fundamental no movimento para a fé (*Ench.* 1.4).

Caso mantenhemos a estrutura analítica tradicional do ato de fé, que compreende *dom, vontade e intelecto*, podemos afirmar que Agostinho os integra de maneira muito equilibrada. É verdade que o acento parece incidir sobre o primeiro, sobre o aspecto gratuito da fé (dom, graça). Mas é fundamental o aspecto intelectual, uma vez que é sempre presente a relação fé e razão e

³ Agostinho não possui uma análise especulativa geral e sistemática sobre o ato de fé, mas deixou uma herança muito grande e importante para as reflexões sucessivas.

porque Agostinho privilegia o aspecto do conteúdo da fé. Também não fica esquecida a pré-disposição (vontade) do homem que livremente acolhe esse dom e procura vivê-lo na concretude da sua vida (caridade).

No *Enchiridion* a virtude da fé vem abordada através da explicação dos artigos do “*Símbolo Apostólico*” (*Ench.* 2.7), o qual diz o que e como se deve crer. Crer não é só uma experiência pessoal, íntima, mas também expressão verbal através de uma linguagem. O “*Credo*”, apresentando uma síntese breve do conteúdo a ser crido, pode facilmente ser conservado na memória.⁴ Deve ser sabido de cor, escrito não em tábuas, mas no coração para que seja possível amar aquilo que se crê e a fé possa operar por meio da caridade.⁵ O “*Credo*” exprime a pleno título à fé pessoal de cada crente que abre o seu coração para a ação da graça e com a boca professa a *fé na Trindade*.

III. Fé na Trindade: Deus Pai

III.1. Gerados à imagem e semelhança de Deus

O objeto da fé cristã não se encontra na pesquisa natural. O mais importante é crer que a causa de toda a realidade criada, celeste e terrestre, visível e invisível é unicamente a bondade do Criador, único e verdadeiro Deus que é Trindade (*Ench.* 3, 9).

Iniciamos o *Símbolo* professando a fé na onipotência Criadora de Deus, significando que não existe nenhuma natureza que não tenha sido criada por Ele.⁶ Todos os seres existentes, toda a natureza, toda a história humana tem as suas raízes neste acontecimento primordial. Deus é presente como substância criadora do mundo. O ser humano como criatura é ontologicamente dependente de Deus, que na sua bondade, é causa de todas as coisas criadas (*Ench.* 3 9).

O homem, que saiu das “mãos” de Deus, traz consigo a possibilidade de “sair de si” e de relacionar-se, no conhecimento e no amor, com o Mistério que o criou. A “imagem e semelhança” (Gn 1,26), à qual foi criado, o coloca numa dinâmica que o orienta ao seu Criador, o que significa que ele não só é capaz de Deus, mas tende para Ele. A plena realização, a felicidade do ser humano está justamente nessa capacidade de relacionar-se com o “Tu” de Deus.⁷

⁴ AGOSTINO, *La fede e il simbolo*, 1,1.

⁵ AGOTINO, *Discorso* 212,2.

⁶ Cf. AGOSTINO, *Nella trasmissione del Simbolo*, *Discorso*, 214,2.

⁷ Cf. RATZINGER J., *Creazione e peccato. Catechesi sull'origine del mondo e sulla caduta*. Torino 1986, p. 39.

O homem não é dono de si e nem causa de si, não tem origem e nem fim em si mesmo, mas é de Deus e para Deus. Negar esse vínculo não é libertar-se, mas perder ou negar o próprio ser por uma auto-suficiência que não compete à criatura.⁸ Ao contrário, quando reconhece a sua dependência do criador, torna-se autônomo.

Tendo presente a própria experiência pessoal de Santo Agostinho, percebemos nele um profundo conhecedor do aspecto psicológico do ser humano que se move ou resiste à fé. A fé é o ponto de chegada de um *coração inquieto*, que enquanto não encontra e não adere a Deus não descansa. A busca de “sentido” de Agostinho é, ainda hoje, expressiva para nós. O seu coração quando se encontrou com a verdade da fé, encontrou também a felicidade na descoberta do genuíno amor de Deus. “*Tarde te amei, beleza antiga e tão nova, tarde te amei. Sim, porque tu estavas dentro de mim e eu fora*”.⁹ A inquietude do coração desaparece no encontro confiante do homem com Deus na fé. O homem foi feito para Deus e esse destino em Deus não é resultado da causalidade, mas do plano amoroso de Deus.¹⁰

III.2. Degeneração pelo pecado

Toda a criatura em si mesma é boa. A bondade de Deus é a causa do bem (*Ench.* 3.10; 8.23). O mal é privação do bem, é causado pela vontade do homem ferida pelo pecado, vontade de um bem mutável que abandona um bem imutável (*Ench.* 8.23). Na linguagem do nosso autor o mal é corrupção do bem (*Ench.* 3.11-12). O ser enquanto tal é um bem e o mal é corrupção do ser. Deus não é nem direta nem indiretamente causa do mal. Ele é autor da natureza humana que é boa, é autor do homem e não do mal presente neste e por ser soberanamente bom, nunca deixaria qualquer mal existir nas suas obras se não fosse poderoso o suficiente para fazer resultar o bem do próprio mal (*Ench.* 3.11). A verdadeira liberdade interior é alcançada quando conseguimos libertarmo-nos do mal que está dentro de nós.

III.3. Regeneração em Cristo Jesus

No centro da reflexão sobre o pecado, Agostinho apresenta o mistério redentor de Cristo (*Ench.* 10.33) e, portanto, da graça e da misericórdia divina. Deus na sua justiça poderia abandonar o gênero humano, que por sua vez abandonou os Seus ensinamentos, profanando a imagem do seu Autor. Mas

⁸ Cf. M.F. SCIACCA, “Riflessioni sull’Enchiridion di Sant’Agostino”, in *Augustinian Studies*, 2, 1971, p.109.

⁹ AGOSTINHO, *Confessione*, IX, 26,37.

¹⁰ Cf. V.C. IZQUIERDO, *Teología Fundamental*, Navarra, 1998, 240.

Deus não é só justo, é também misericordioso e faz uso da sua misericórdia liberando quem não merece (*Ench.* 9.27). Deus se abaixou e exaltou o gênero humano¹¹. Desde o momento em que o ser humano rompeu o relacionamento primeiro com Deus através do pecado, teve a necessidade de um mediador. Esse é Cristo, Filho de Deus, Deus e homem. Enquanto Adão introduziu o pecado no mundo, Cristo, único mediador, cancelou não só aquele pecado, mas todos aqueles que se lhe acrescentaram. Por isso mesmo que a profissão de fé do cristão contempla a remissão dos pecados. Sem essa remissão não seria possível nenhuma esperança para a vida futura e para a libertação eterna.¹²

III.4. Filho Redentor

Não compreenderemos o processo de regeneração, do qual falávamos no parágrafo anterior, sem termos presentes o *Evento Cristo* no centro da reflexão. Evento que perpassa toda a obra agostiniana. *É Ele, o unigênito de Deus e mediador, o fundamento seguro e autentico da fé católica* (*Ench.* 1.5).

Por se tratar de um “manual facilmente manejável”, Agostinho diz que seria muito longo desenvolver uma explicação cristológica como de fato mereça, além do que é preciso considerar os limites humanos que encontramos para falar dessa realidade (*Ench.* 10.34). Contudo, se fazem necessário algumas breves considerações.

Professamos no “*Símbolo*” a fé na Pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho do homem: Deus antes de todos os séculos e homem do nosso “século” (*Ench.* 10.35). É Filho de Deus não por graça, mas por natureza, e como humano é cheio de graça. Sem diminuir a sua condição divina, assumiu a condição de servo (Fil 2,6-7). Viveu humanamente, mas nunca deixou de ser Deus. “Deus de Deus”, mas nascido como homem do Espírito Santo e da Virgem Maria, como substância divina e humana (*Ench.* 12,38).

Uma vez que a *geração* foi corrompida pelo pecado, era necessária uma *regeneração* (*Ench.* 13.46). Com a “*queda*” do ser humano, tornou-se impossível uma auto-reabilitação. Era necessário um mediador, um reconciliador, que aplacasse o pecado com um único sacrifício (*Ench.* 10.33). Somente livre do pecado o ser humano torna-se capaz de operar a justiça. E somente Cristo, o qual por não ser pecador, pode nascer sem necessidade de renascer, o sacrifício em sentido verdadeiro e pleno enquanto união perfeita com o Pai o

¹¹ Cf. AGOSTINO, *Discurso sul Símbolo rivolto ai catecumeni* – Discurso, 398, 3.6.

¹² Cf. AGOSTINO, *Nella trasmissione del Símbolo*, Discurso 213, 9.

é capaz de libertar: “Se, pois, o Filho vos libertar, sereis, realmente, livres” (Jo 8, 36). Assim, “Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por Ele, nos tornássemos justiça de Deus” (2Cor 5, 21).

Se por um homem o gênero humano foi condenado, por um único mediador, o gênero humano foi salvo (*Ench.* 14.48). Daí que, quem *crer em Cristo* pode ser regenerado, através do batismo, naquele mesmo Espírito, no qual Cristo foi gerado (*Ench.* 14.49). De modo que, quem renasce em Cristo é libertado do pecado e da morte, uma vez que o batismo de Cristo representa a sua morte, que é redentora. E como Cristo não parou na morte, mas ressuscitou, para o cristão, sua ressurreição é justificadora (*Ench.* 14.52).

Na ótica agostiniana, a *justificação* se fundamenta no sacrifício e na ressurreição de Cristo. Sem o sacramento de Cristo não seria possível a justificação e a vida eterna. Somos mortos ao pecado, porque batizados na morte de Cristo. A verdadeira vida cristã não pode permanecer no pecado, mas na graça de Deus. Por isso também que professamos a fé na remissão dos pecados (*Ench.* 17.64). Embora sejamos conscientes que, enquanto dura a vida mortal, somos em constante conflito com a morte.

III.5. Espírito Santificador

O objeto da fé cristã é a Trindade Criadora, Pai, Filho e Espírito Santo (*Ench.* 3.9). Obedecendo a ordem da confissão de fé, Agostinho menciona a necessidade de crer no Espírito Santo, que procede do Pai, único e mesmo Espírito do Pai e do Filho (*Ench.* 3.9). O Espírito como não é criatura, mas membro da Trindade Criadora vem, no Símbolo, professado primeiro que a Igreja (*Ench.* 15.56), que por sua vez é criatura, não objeto, mas sujeito de fé.

No *Enchiridion* Agostinho trata do Espírito Santo e da Igreja no mesmo parágrafo (*Ench.* 15.56). Porém, ele não desenvolve o artigo do “*Credo*” que professa a fé no Espírito Santo, apenas limita-se a apresentá-lo como a terceira pessoa que completa a Santíssima Trindade e que está presente na Igreja, que é Templo da inteira Trindade (*Ench.* 15.56).

Depois de falar de Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor nosso, acrescentamos de crer, como sabes, também no Espírito Santo, de modo que resulte completa a Trindade que é Deus. Vem também recordada a Santa Igreja; essa nos oferece a possibilidade de compreender que a criatura racional pertence à Jerusalém Livre (Gl 4,26), deve ser colocada como subordinada, depois da menção do Criador, isto é, da Suma Trindade (*Ench.* 15.56, tradução nossa).

A ordem da confissão de fé exige que a Trindade preceda a Igreja. A Igreja não pretende ser “adorada” no lugar de Deus, ela é somente Templo de Deus, universal no céu e na terra (*Ench.* 15.57). A Igreja não é Deus e nem pede de ser crida como tal, mas a Igreja é corpo de Deus, e enquanto tal é sinal da sua presença no mundo e instrumento através do qual Ele chama todos à unidade verdadeira. Não creio na Igreja como tal, mas creio que ela existe como obra do Espírito, no qual eu creio. E creio de igual modo que o Espírito age através dela, que entre outros ministérios, exerce o do perdão dos pecados, de modo que esses venham redimidos e o cristão alcance a vida eterna (*Ench.* 17.65).

IV. Fé e razão

Como comumente acontece nos escritos agostinianos, também no *Enchiridion* aparece o desejo de relacionar fé e razão (*Ench.* 1.2; 1.4; 3.9). A obra em si não nos dá elementos suficientes para uma análise profunda. Não encontramos abundantes citações. Mas é um tema presente e que não pode ser ignorado. Ao abordarmos essa problemática, não faremos referência direta ao início da fé (*initium fidei*), até porque a obra da qual nos ocupamos está dirigida a quem já está iniciado (*Ench.* 1.1). Porém, justamente porque a fé mora no crente, ela não pode existir se não acompanhada da razão (*Ench.* 1.4).

A fé é dom de Deus e como tal é também sabedoria de Deus. Segundo Agostinho, o crente não precisa ser licenciado, é a própria fé a dizer o que se deve crer (*Ench.* 3.9). Já no início da obra, quando fala da piedade, como culto a Deus e sabedoria do homem ele distingue a *ciência* da *sabedoria*, não limitando a sabedoria ao aspecto científico (*Ench.* 1.2). A primeira diz respeito ao conhecimento das realidades materiais e mutáveis, a segunda refere-se à inteligência própria das realidades imutáveis e espirituais. É próprio do ser humano aprofundar e interrogar a natureza.

Porém, quando se pede o que se deve crer, é necessário voltar-se à fé e não à ciência da natureza (*Ench.* 3.9). Até porque, a totalidade da ciência mundana será sempre um “nada” em comparação à sabedoria divina, de modo especial, no que se refere aos problemas essenciais do homem, tal como o seu fim último, a salvação ou visão beatífica.¹³

Só podemos saber de Deus através de Deus mesmo, o que não significa irracionalismo e nem fideísmo. O Bispo de Hipona teve o cuidado de não defender uma fé cega e também de não racionalizá-la demais. Fé e razão se

¹³ M. F. SCIACCA, “Riflessioni sull’Enchiridion di Sant’Agostino”, in *Augustinian Studies*, 2 (1971), p. 108.

complementam (*Ench.* 1.4). Pois não se pode crer sem ter entendido as mediações históricas em que nos é concedido o conhecimento do objeto transcendente da fé.

Para Agostinho o intelecto deseja ver o que crê e a fé exprime sua vontade de compreender. Um desejo de penetrar também com a compreensão na decisão de crer e contemplar a proposta da fé com a razão. A razão é parte constitutiva da condição espiritual do homem. Claro que os grandes mistérios da fé colocam limites à razão que procura cientificamente penetrá-los com seus métodos (*Ench.* 3.9), mas isso não dispensa o desejo de conhecer e de fazer o que humanamente é possível para aproximar-se (também de maneira racional) da Verdade.

A fé é um caminho para o conhecimento. Mas um caminho adaptado pela mente e, portanto, é um caminho de “razão”. Ou seja, é razoável que acreditemos. Não se trata tanto de investigar para se chegar a certezas, mas da certeza que busca maior compreensão. E ao mesmo tempo em que a fé recebe certa legitimação da inteligência que a percebe como razoável, ela auxilia a uma intelecção mais profunda da realidade.

A articulação entre fé e razão é de capital importância em Santo Agostinho, segundo ele “todos os homens querem entender, não há ninguém que não o queira, mas nem todos querem crer. Se alguém me diz: ‘Que eu entenda para que creia’, respondo: ‘Crê para que entendas’”.¹⁴ A fé possui a precedência, mas ela precisa ser cultivada.

Entre razão e fé não existe incompatibilidade, mas complementaridade. Ao menos em ordem de tempo, a fé vem primeiro, pois ela purifica o coração e o rende capaz de acolher a revelação. Mas precisa ser nutrida, regada, robustecida pela racionalidade. De forma que podemos dizer que a razão deve preceder a fé na consideração dos motivos de credibilidade. Parece justo reconhecermos uma recíproca ajuda.

IV.1. A Certeza da Fé

Agostinho não esquece o primado da revelação que deixa Deus na sua liberdade, enquanto oferece ao homem a via para alcançar a certeza da verdade (*Ench.* 1.2; 3.9). A revelação é coerentemente conhecida através da fé. Mas essa pede ao homem uma escolha radical: se crê ou não. Uma posição neutra de indiferença não é permitida porque restaria sempre na esfera da

¹⁴ S. AGOSTINO, *Discurso*, 43,9.

incerteza e da dúvida, sem permitir o encontro de um sentido. A fé coloca-se como decisão radical, caso contrário não é fé em Jesus Cristo.¹⁵

Dizer que a fé possui uma certeza, não significa dizer que não traga consigo indagações. Pois indagando procura uma mais profunda inteligência do mistério. A tradição cristã sempre buscou a inteligência do mistério, recorrendo muitas vezes a conceitos filosóficos para compreender, aprofundar e transmitir o conteúdo da fé. Quando, porém, se trata de verdades que concernem à salvação, que não podemos agora compreender com a razão, à razão deve preceder a fé (*Ench.* 3.9). Essa purifica a mente e a rende capaz de perceber e sustentar, a luz da suprema razão divina, também aquilo que é uma exigência racional.

Agostinho expressa sua vontade de integrar a razão no dinamismo da fé que busca a inteligência do seu objeto¹⁶. Nesse dinamismo dois princípios são fundamentais: primeiro a *autoridade* da Sagrada Escritura e da Igreja, que são garantes para toda reflexão teológica¹⁷; e em segundo o princípio da *iluminação*.

IV.2. Fé e iluminação

Agostinho usa como critério interno da teologia o conceito de *iluminação*, presente na tradição hebraica cristã¹⁸, e assim mostra que a fé não é cega ou irracional. Antes, enquanto conceito especulativo, a iluminação é inseparável da imagem, recurso parabólico de explicação a que acudir para penetrar nas coisas criadas. “Tudo foi feito por meio do Verbo” (Jo 1, 3), é Ele o arquétipo exemplar que as constitui. Porém, ao que só a fé pode alcançar, enquanto participação teórica ou visão das coisas que estão na mente divina e se expressam no Verbo. De modo que a nossa iluminação é participação no Verbo (Jo 1, 9).¹⁹

O conceito de iluminação é de fundamental importância na sistematização agostiniana do saber sobre o divino. Segundo Agostinho, a razão não conseguiria sozinha realizar o caminho na direção do objeto transcendente da fé sem a iluminação. Pois, como já dissemos não se pode passar do visível ao invisível. Temos como exemplo o próprio Jesus Cristo: o saber da razão não

¹⁵ Cf. R. FISICHELLA, *La fede come risposta di senso*, Milano 2005, p. 128.

¹⁶ AGOSTINHO, *Discurso*, 43,7,9.

¹⁷ Agostinho vê na Igreja e na Sagrada Escritura uma autoridade segura, um ponto luminoso na solução dos grandes problemas teológicos. É a Sagrada Escritura a voz primeira, que diz o que devemos crer. Igreja e Escritura constituem-se a regra de fé.

¹⁸ Cf. Sl 36,10; Jo 1,9; Ef 1,18; 3,9; 2Tm 1,10; Hb 6,4; 10,32.

¹⁹ AGOSTINO, *La Trinità*, 1,3.

ultrapassa a história de Jesus. Enquanto a fé alcança o Cristo. Uma vez que o próprio Cristo se converte nessa luz interior que torna possível a convergência da razão e a fé na sabedoria do iluminado. Cristo guia a razão até o transcendente.

Agostinho segue reconhecendo a importância da iluminação divina no processo da fé. Essa antecede a fé. Leva-nos a compreender o que estamos professando e nos faz entender a Palavra divina que está presente em cada mente. No tocante à fé, tudo provém da graça de Deus, tanto o seu início, quanto o seu conhecimento. Claro que ele admite que não se possa crer, esperar e amar se não de acordo com a vontade. Mas também esta é de certa forma preparada pelo Senhor (*Ench.* 9.32).²⁰ O Espírito Santo fala dentro do ser humano, que é ouvinte da Palavra de Deus.

O movimento da fé se realiza na relação entre a graça de Deus que sana e nos atrai a si e a liberdade humana. A graça não subtrai o livre-arbítrio. Mas também o livre-arbítrio não vem afirmado a tal ponto de sermos ingratos à graça de Deus. A fé é abertura do coração humano operada pelo Espírito Santo (1Cor 2,10. 12). É Ele que nos dá a luz e a força interior para crer (2Cor 4, 6).

IV.3. A Fé como assentimento

A fé implica assentimento e muitas vezes se deve crer mesmo se a verdade não é evidente (*Ench.* 7.20). A inteligência possui um valor essencial como atividade que conduz o homem à reflexão, pois ninguém crê alguma coisa, sem antes pensar que coisa crê. Assim, é necessário que tudo o que venha acreditado, venha pensado. Essa atividade do pensamento serve como preparação e disposição natural para a fé. Para crer não devemos renunciar à razão, ao contrário, devemos a ela recorrer, pois sem ela não é possível acreditar (*Ench.* 1.4). A capacidade de pensar é dada pelo próprio Deus para que possamos alcançá-lo. Crer não consiste se não em *dar assentimento refletindo*. Quem crê, pensa e pensando crê. A fé se não é pensada é vazia.²¹

²⁰ Lembramos que em seus escritos Agostinho procura sempre defender a fé católica contra as heresias da época. Por isso, afirma o caráter gratuito da fé contra os pelagianos, que valorizavam tanto a liberdade humana que a graça parecia não ser necessária, e que insinuavam que a fé ao menos no seu início dependia do poder do homem, desvalorizando a graça. Significativo também foi o afastamento dos maniqueus que sustentavam uma via a Deus e à verdade com a pura e simples razão.

²¹ Cf. AGOSTINO, *Predestinazione dei Santi*, 2,5.

Assentir é um comportamento particular da pessoa que implica um empenho na aceitação dos conteúdos revelados. É assentir à verdade da revelação acolhendo o mistério de Deus. Na adesão e aceitação da fé, Agostinho pressupõe certa disposição de ânimo da parte do ser humano. Sem assentimento não existe fé, não se crê em nada (*Ench.* 7.20). O ato de fé assinala a inteira vida do crente e é o princípio da participação na eternidade do amor de Deus.

Embora não esteja contido no *Enchiridion*, faz-se necessário uma pequena alusão aos três aspectos distintos do processo de crer que são atribuídos a Santo Agostinho: “*credere Deo*”, “*credere Deum*” e “*credere in Deum*”.²² Uma coisa é *crer a Deus*, outra *crer Deus*, outra ainda *crer em Deus*. Crer a Deus significa que é verdadeiro tudo o que ele disse; Crer Deus equivale a acreditar que Ele mesmo é Deus; Crer em Deus significa amá-lo.²³ São três aspectos do ato de fé e não três diversos modos de crer.

– ***Credere Deo***

Exprime a dimensão formal da fé. O que constitui o fundamento, ou seja, a autoridade do próprio Deus no seu revelar-se (*Ench.* 3.9). Credo, se aceita o testemunho que Deus dá de si. É Ele a garantia da verdade revelada. *Credere Deo* é submeter-se a autoridade de Deus, é uma oferenda, uma entrega confiante a Ele. Nós chegamos à fé “persuadidos” pelo chamado feito por Alguém a quem se crê, ou seja, chamados e atraídos pelo próprio Deus. A graça se dá para que creiamos e para que o façamos voluntariamente e com alegria. Mesmo afirmando o papel da graça, Agostinho defende o caráter voluntário da fé. A fé está embasada no assentimento à autoridade reconhecida de Deus, é uma adesão pessoal (*Ench.* 7.20).

– ***Credere Deum***

É o que vem crido, ao conteúdo da fé, ao conhecimento da realidade revelada por Deus em Jesus Cristo (*Ench.* 1.5). Significa crer que é verdadeiro o que Deus revelou. Um mistério que não pode ser analisado plenamente com a razão, mas nem por isso é menos compreensível.

²² Cf. AGOSTINO, *PL 40,1190.1191*.

²³ Cf. R. FISICHELLA, *La fede come risposta di senso*, Milano, 2005, p.92.

– *Credere in Deum*

Exprime o grau da fé verdadeira. Sintetiza as duas primeiras (existência e confiança), as quais são necessárias, mas não suficientes. É a terceira que exprime a nossa filiação divina, o sentido existencial, que traduz o fim para o qual tende a fé.²⁴

Agostinho sustenta que *credere in*, seguido pelo acusativo (*Deum, Christum*), é mais que *Credere Deum* (crer que Deus existe) - pois a existência de Deus é uma crença também comum aos demônios (Lc 4,35. 41) – e é mais que *credere Deo* – pois é possível crer a uma pessoa, mas não “em” uma pessoa.²⁵ Daí a insistência em alcançar o *Credere in Deum (Christum)*, que se entende como uma adesão que exprime o valor dinâmico da fé e a sua dimensão interpessoal. Significa crer em uma Pessoa, o que comporta o desejo de querer conhecê-la sempre mais e de entrar em relação de amor.²⁶ Uma dinâmica que implica um crescimento constante na confiança e no abandono em Deus (*Ench.* 14.52).

Credere in Deum implica um caminhar até Deus, um movimento de amor. Movimento que compreendemos perfeitamente quando lemos o *Enchiridion* e percebemos que a fé na existência de Deus não pode estar desprovida da Caridade, como era a fé dos demônios, que acreditavam unicamente para evitar Jesus e não para viver Nele (*Ench.* 2.8). A verdadeira fé “reclama” a graça, através da qual pode cumprir as boas obras que conduzem a Deus. Ou seja, a fé impetra a graça e ao receber o Espírito de amor, torna-se ativa (*Ench.* 31.117). Na visão de Agostinho, a única fé que se justifica é a fé que se faz ativa por meio do amor.

V. A Virtude da Esperança

Depois de trabalhar a virtude da fé, fazendo uma abordagem das afirmações do “Símbolo”, Agostinho desenvolve uma reflexão rápida sobre a esperança e a caridade, usando de forma especial da oração do “Pai-nosso”. “Quem invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10, 13). Mas ninguém invocará sem antes ter acreditado. Ou seja, primeiro crer, depois invocar. Primeiro o “Símbolo”, depois o “Pai-nosso”.²⁷ A vida cristã inicia-se com a fé, que opera por meio da caridade através de uma vida reta, na esperança de alcançar a visão beatífica (*Ench.* 31.117). A esperança nasce em Deus e é a Ele que

²⁴ Cf. R. FISICHELLA, *La fede come risposta di senso*, Milano 2005 p. 93-95.

²⁵ EUGENE TESELLE, “Fe”, in A. D. FITZGERALD, *Diccionario de San Augustin*, Burgos, 2001, p. 565.

²⁶ Cf. R. FISICHELLA, *La fede come risposta di senso*, Milano 2005, p. 94-95.

²⁷ AGOSTINO, *Nella trasmissione del Simbolo*, Discorso, 213, 1.

devemos pedir o bem que esperamos de cumprir ou aquele que esperamos de conseguir através das boas obras (*Ench. 30.114*).

Com base no *Enchiridion*, definimos a esperança como a virtude teologal que exprime a aspiração da felicidade futura (*Ench. 2.8*), que diz respeito aos bens eternos ou temporais que esperamos (*Ench. 30.15*). Por isso, é a Deus que devemos pedi-la (*Ench. 30.114*) e em Deus é que devemos depositá-la (Jr 17, 5).

Quando trata da “boa esperança”, Agostinho cita a oração do “Pai-nosso”, na qual, segundo o evangelista Mateus, fazemos sete pedidos: os primeiros três referem-se aos bens eternos e os outros quatro aos bens temporais (*Ench. 30.115*). Para que a esperança seja boa, primeiro devemos pedir a Deus a salvação sobrenatural e os bens eternos que comporta: adoração a Deus, entrada no seu Reino e a disponibilidade de fazer a sua vontade. E depois os bens temporais: pão quotidiano, remissão dos pecados, ajuda para não cair em tentação e a libertação do mal. Uma única esperança, no céu e na terra, colocada em Deus. Mas com um empenho total de fazer o bem no mundo.

Entre os objetos da nossa boa esperança está a vida eterna e os meios para alcançá-la. De fato é na onipotência divina que esperamos. O que encontra na ressurreição de Cristo a sua fundamentação. A esperança diz respeito às coisas boas, e se refere unicamente ao tempo futuro (*Ench. 2.8*): “nossa salvação é objeto de esperança, ver o que se espera não é esperar (...). E se esperamos o que não vemos, é na esperança que o aguardamos” (Rm 8,4). Nesse aspecto a esperança é comum à fé, pois se considerarmos a fé como “certeza” das coisas que não se vêem (Eb 11,1), também a esperança é espera nos bens futuros, que no presente não os vemos. Entre os bens esperados o principal é a salvação eterna.²⁸

VI. A Virtude da Caridade

Graças à fé é que podemos amar a Deus no qual acreditamos. É por meio dela que vêem operadas nossas boas obras (Ef 2, 8-9). Fé que age através da caridade (Gl 5, 6) e que não pode existir sem a esperança (*Ench. 2.8*). As três virtudes estão intimamente unidas, mas é a caridade, segundo o apóstolo Paulo, a exercer a primazia (1Cor 13). Quem não ama crê inutilmente, ainda se o que crê seja verdadeiro. E inutilmente espera, ainda se as coisas que espera dizem respeito à verdadeira felicidade. Mas quem ama retamente, crê e espera

²⁸ AGOSTINO, *Nella trasmissione del Simbolo*, Discorso, 213,1.

retamente.²⁹ A caridade é a realização da vida cristã. Todos os mandamentos divinos a ela fazem referência (*Ench.* 32.121).

Agostinho usa os termos *amor* e *caridade* como sinônimos. O amor é força da alma e da vida. É ele que a determina no sentido bom ou ruim, segundo o objeto que se ama. Amor é uma vida que combina o amante e o objeto amado. É movimento, uma inclinação, uma tendência que nos impulsiona a sair de nós mesmos, do nosso mundo em direção ao amado. Daí a importância do amor a Deus, a nós e ao próximo. São esses os “objetos” que devem ser amados. O amor está no centro da vida cristã e a identifica.

Assim como a fé e a esperança, o amor é dom de Deus, que dota a vontade humana de uma aspiração divina. Nosso amor deve ser inspirado pelo amor divino e refletido em nossos atos concretos. Amamos com o amor divino derramado em nossos corações (Rm 5, 5).

A salvação depende da fé que opera pela caridade (Gl 5, 6). E se, ao contrário, opera o mal, se permanece no pecado, é uma fé morta, que não poderá salvá-lo (Tg 2, 14. 17). Não basta ser cristão, é preciso operar o bem.³⁰ Afinal, se Cristo ocupa o lugar central no coração do homem, de modo que nenhum outro fundamento venha anteposto, então ele estará pronto a superar, mesmo com sacrifícios (provado pelo fogo), as obras más (*Ench.* 18.68) e abraçar uma vida cristã digna desse nome. Se em Cristo, Deus amavelmente vem ao encontro do ser humano que está nas trevas para redimi-lo, esse deve como resposta, deixar que o amor de Deus possa guiar o seu coração movendo-o ao dom do serviço. Sua vida muda e centraliza-se na caridade. Um amor que não impõe limites, mas estende-se aos inimigos (*MT* 5,44). Um jeito de amar próprio de quem é filho de Deus e orienta o espírito para essa disposição, graças a uma vida de oração e boas obras (*Ench.* 19.37).

Agostinho de certa forma reconduziu toda a doutrina e toda a vida cristã à caridade. O amor de Deus se faz presente no mundo e o fruto de quem é amado por Ele e se reconhece como filho, é a caridade. É o amor de Deus que nos faz amar. A caridade que ama o próximo é a mesma que ama a Deus.

²⁹ “Chi ama rettamente, senza dubbio crede e spera rettamente; chi invece non ama, crede vanamente, anche se quanto crede è vero, e spera vanamente, anche se s’insegna che le cose in cui spera riguardano la vera felicità, a meno che l’oggetto della fede e della speranza sia tele che a colui che lo chiede possa essere concesso il dono di amarlo” (*Ench.* 31.117).

³⁰ Em sua obra *Fede ed opere*, Agostinho defenderá a tese que nem todos os cristãos obterão a salvação, pois não basta ser batizado. A fé cristã, a sua identidade, vem acompanhada das obras de caridade. Existe uma diferença a considerar entre *fé morta* e *fé ativa*. A primeira é condenada, a segunda é essencial. A fé que salva é vivificada pela caridade.

Nutrido no amor de Deus, o cristão pode e deve viver o mesmo amor no relacionamento com o próximo. A caridade não consiste tanto em “fazer”, pois também quem não é cristão pode fazer boas obras. O que a diferencia é a presença de Cristo no coração humano que o motiva às boas ações. É Cristo o modelo e fundamento da caridade cristã.³¹ Quem O segue deve imitá-lo numa oferta da própria vida pelos irmãos.

É com esse forte apelo ao amor que Agostinho conclui a sua obra (*Ench.* 31.121). A caridade possui a primazia, é a finalidade dos mandamentos, e ainda, Deus é caridade (1Jo 4, 8). Foi Ele que nos amou primeiro, e porque nos sentimos amados, podemos também amar e observar os seus mandamentos. A caridade é fonte, norma e fim da vida cristã.

VII. Conclusão: Fé, esperança e caridade, virtudes interdependentes

Diante das inquietações do amigo Lourenço, que buscava uma vida cristã autêntica através do conhecimento de algumas idéias básicas da fé católica (*Ench.* 1.4), Agostinho apresenta o caminho das virtudes teológicas. Expondo o que se deve crer, esperar e amar, ele toca todas as questões levantadas (*Ench.* 1.4).

A esperança e a caridade nascem da profissão de fé contida no “*Símbolo*” e por isso a esperança é *boa* e a caridade *santa* (*Ench.* 30.140). Separadas da fé, tornam-se falsas, uma mentira do homem por negar Deus. A fé é início da salvação humana, fundamento e raiz de toda justificação (DS 1532), mas não une perfeitamente a Cristo, nem rende membro vivo do seu corpo, se a essa não se acrescentam a esperança e a caridade (DS 1531). Se deixarmos a fé na revelação de lado, a esperança fica limitada à vida terrena e a caridade é substituída pelas conquistas sociais.

As três virtudes mesmo sendo diversas, implicam-se reciprocamente (*Ench.* 2.8). Formam uma tríade, completamente interdependente. Constituem uma forma de vida que é verdadeira adoração a Deus (*Ench.* 1.6). A maior parte do *Enchiridion* vem dedicada à virtude da fé (*Ench.* 9-113) e duas breves seções dedicadas à esperança (*Ench.* 114-116) e o amor (*Ench.* 117-121). O que não significa que as últimas duas tenham uma importância reduzida em comparação à primeira, mas é um modo de salientar que somente a fé correta produzirá a devida ordem da esperança e do amor. A esperança e a caridade encontram na fé o seu fundamento necessário (*Ench.* 30.114).

³¹ Cf. BELLANDI A., *L'amore pienezza della fede: solo la carità conosce*, Milano 2004, p. 81-85.

Não se pode esperar sem crer no que se espera. E crer nos bens futuros não é outra coisa que esperar (*Ench.* 2.8). Contudo, é o amor a plenitude da vida cristã (*1Cor* 13,13). Sem amor a fé é inútil e a esperança não subsiste. Quem ama retamente, crê e espera retamente (*Ench.* 31.117). A fé deve operar pela caridade (*Gal* 5,6), que não pode subsistir sem esperança. Portanto, o amor não subsiste sem a esperança, nem a esperança sem amor, nem amor e esperança subsistem sem fé (*Ench.* 3.8). As três virtudes caracterizam a existência cristã e se apresentam na perspectiva de antecipação da visão de Deus, que acontecerá na plenitude futura.

Agostinho não esquece nunca a centralidade cristológica do mistério da salvação, a fundamentação bíblica de cada verdade de fé e a sua consistência eclesiológica. Percebemos no estudo da obra que Cristo, a Bíblia e a Igreja são pontos centrais de referencia que permitem fugir ao perigo de um frio dogmatismo ou de um racionalismo teológico abstrato. A fé é uma forma peculiar de conhecimento que permite entrar no mistério e percebê-lo na sua importância para a vida pessoal. Ela diferencia-se do conhecimento empírico, pois enquanto esse se baseia na presença do que é visto ou entendido, aquela (fé) implica a sua ausência (*Heb* 11,1).

Seguindo os passos de Agostinho vemos que o acesso ao objeto da revelação não é puramente intelectual, mas implica assentimento da pessoa como um todo, num dinamismo integrado verso o Bem Supremo que é Deus. A vida cristã não é abstrata, mas uma orientação da existência humana no seu conjunto. A fé não é puro saber, mas vontade, amor, esperança, capacidade de caminhar verso Deus. É um ato global, um modo cristão de vida, que implica o desejo de salvação, de vida eterna (*Ench.* 23,84).

Fontes

- AGOSTINO, *Commento al vangelo e alla prima epistola di San Giovanni*, NBA XXIV/1, Roma 1968.
AGOSTINO, *Contro Fausto Manicheo*, NBA XIV/I, Roma, 2004.
AGOSTINO, *La Trinità*, NBA IV, Roma 1973
AGOSTINO, *La Vera Religione*, NBA VI/1, Roma, 1995.
AGOSTINO, *Le confessioni*, NBA I, Roma 1991.
AGOSTINO, *Predestinazione dei Santi*, NBA XX, Roma 1987.
AGOSTINO, *Soliloqui*, NBA III/1, Roma 1970.
AGOSTINO, *Spirito e lettera*, NBA XVII/1, Roma 1981.
AGOSTINO, *Manuale sulla fede, speranza e carità*, NBA VI/2, Roma 1995.
AGOSTINO, *Discorso 43*, NBA XXIX, Roma 1979.
AGOSTINO, *Discorso sul simbolo rivolto ai catecumeni* (Discorso 398), NBA XXXIV, Roma, 1989.

AGOSTINO, *La fede e il simbolo*, NBA VI/1, 1995.
AGOSTINO, *La fede e le opere*, NBA VI/2 Roma 1995.

Bibliografia

- ALICE L., “Introduzione al Manuale sulla Fede, speranza e carità” in *NBA VI/2*, Roma 1995, 455-461.
- BELLANDI A., *L'amore pienezza della fede: solo la carità conosce*, Milano 2004.
- EUGENE TESELLE, “Fe”, in A. D. FITZGERALD, *Diccionario de San Augustin*, Burgos, 2001.
- FISICHELLA R., *La fede come risposta di senso*, Milano 2005.
- IZQUIERDO V.C., *Teologia Fundamental*, Navarra 1998.
- LIBANIO J. B., *Eu Creio, nós cremos. Tratado da fé*, São Paulo 2000.
- RATZINGER J., *Creazione e peccato. Catechesi sull'origine del mondo e sulla caduta*. Torino 1986.
- LUBAC H., *La foi chrétienne. Essai sur la structure du Symbole des Apôtres*. Aubier, Paris 1969.
- NASH R., “Iluminación divina”, in A. D. FITZGERALD, *Diccionario de San Augustin*, Burgos 2001, 696-700.
- SCIACCA M. F., *S. Agostino*, Brescia 1949.
- SCIACCA M.F., “Riflessione sull'enchiridion di Sant'Agostino”, in *augustinian studies* 2 (1971) 105-113.